

***A pintura não tem fim,
senão começo***

Francisco de Holanda, *Da Pintura Antiga*,
Livro II (*Diálogos em Roma*), Provérbios

**A propósito das instalações
meta-picturais
de José Quaresma**

O aforismo que encabeça o título do nosso ensaio faz parte de uma secção final do tratado *Da Pintura Antiga*, precisamente intitulada «Provérbios na Pintura», que surge na sequência do Livro II, os célebres *Diálogos em Roma*. Os cinco Provérbios são, por ordem, *Os fidalgos ou os senhores, os reys os podem fazer, mas um famoso pintor só Deus o pode fazer, O pintor ha-de nascer já pintor, Não se aprende o pintar, mas nasce, A pintura é musica pintada* e, por fim, *A pintura não tem fim, senão começo*, aquele que escolhemos.

Esta secção final corresponde, quase à maneira de um *palíndroma*, a um grupo de «preceitos», também ao modo de aforismos, em número de dezanove pares, colocado no final do Livro I do Tratado e intitulado *Tavoa d'alguns preceitos da Pintura // o que se há de fogir // o que se há de seguir*. Mas, enquanto estes dezanove pares de preceitos parecem reportar-se, na sua maioria, a vários aspetos do «fazer pictórico», numa lógica didática que permita alcançar a *Antiqua Novitas* (a nova Arte baseada nos ensinamentos da Natureza e da Antiguidade), que enforma, aliás, todo o Livro I do Tratado *Da Pintura Antiga*, os cinco *Provérbios* finais referem-se ao que poderemos definir como uma ontologia abreviada do Pintor e da Pintura, num brilhante coroamento filosófico final de todo o Tratado, em que as concepções filosóficas do autor relativamente à origem transcendente dos dons inatos da Pintura são sintetizadas e exaltadas, sem negar a possibilidade de uma aprendizagem do Desenho e da Pintura, que antes se revela como o meio pelo qual se exercitam e

descobrem esses mesmos dons. Repare-se que, em rigor, só os três primeiros dos cinco se reportam a esta dialética entre dons inatos e o honesto estudo, porque o quarto (*A pintura é musica pintada*) é uma reflexão poética que afirma a Pintura como Harmonia (o que então *Música* significava) e o quinto institui a realidade incontornável de uma História da Pintura, que teria um começo, mas nunca um fim!

Para Holanda o começo está, naturalmente, em Deus, o Primeiro Pintor: «*Deus quando quis pintar tudo o que vemos, como perfectissimo pintor, sobre a escuridade e treuas que cobria o grão retauolo do mundo, começou logo com o claro...*». E depois da sua (então muito inovadora) definição de Pintura («*uma declaração do pensamento em obra vesivil e contemplativa, e segunda natureza*»), em que ecoam tanto a noção de «*cosa mentale*» de Leonardo como a noção de hábito adquirido em sociedade de Cícero, Holanda faz, pela primeira vez em Portugal, uma História da Pintura, das origens a Leonardo e Rafael, muito baseada em Plínio, em Vitruvius e noutras fontes, não esquecendo as crises iconoclásticas, bem como a abertura da Igreja e de outras autoridades filosóficas às possibilidades da representação e da fantasia ou imaginação, ou até os períodos de decadência e de ressurgimento, num combate estético contra o que designava por «*pintura velha dos modernos*» em favor da *Antiqua Novitas*.

Em suma, Holanda, ao mesmo tempo que tem a plena consciência da historicidade da Pintura (mesmo que presumamos hoje que a sua origem não coincide nem com a lenda de Plínio, nem porventura com o ato divino que sugere, mas mais provavelmente com a emergência da consciência do gesto criador e do corpo como suporte), na qual sabe bem distinguir, com desenvolvido aparelho crítico, períodos de apagamento e de ressurreição, também afirma inequivocamente a sua projeção eterna, sintetizada no aforismo que escolhemos para título deste texto, para lá de todas as ameaças e constrangimentos.

Vem tudo isto a propósito (ou talvez não, dirão alguns, mais circunspectos) das instalações picturais de José Quaresma que, no meu modo de ver, definem uma porventura nova espécie de *meta-pintura*, ao interrogar, com profunda originalidade, as possibilidades atuais da própria Pintura, no seu campo «*expandido*».

José Quaresma insere-se indubitavelmente nesse movimento ao apresentar-nos as suas «instalações meta-picturais» como um *palimpsesto*, espacializado e sobre diferentes suportes e usando igualmente vários *media*, como um *palimpsesto*, dizia, de imagens, texturas, objetos e ideias sobre imagens e ideias, quer a partir de citações e evocações da inesgotável História da Pintura, com particular ênfase nos seus dois últimos séculos, quer a partir de algumas imagens da realidade passada e atual filtradas pelos *mass media*.

Espera-se que, a partir de linhas de descoberta e leitura abertas e «líquidas», como a modernidade de que fala o sociólogo polaco Zigmunt Bauman, cada espectador possa fruir, em plenitude, a teia de complexas propostas visuais e plásticas «expandidas» que José Quaresma nos oferece, em diferentes *media*, através de um percurso por distintos espaços arquitetónicos do *lugar* que é o Convento de S. Francisco / Faculdade de Belas-Artes.

Nesta exposição, desdobrada em diversos espaços desse *lugar*, da entrada à cisterna e à capela, o autor, em inesperadas, inusitadas e até incómodas «instalações picturais», especialmente adaptadas às características arquitetónicas de cada um dos espaços escolhidos e a alguns objetos neles presentes, desenvolve encadeamentos temáticos individualizados dominados pela ironia, até mesmo pelo sarcasmo, mas por vezes também pelo espanto e pela compaixão, sempre em soluções formais variáveis e de extensão e limites imprecisos, porque forçosamente adequados aos enquadramentos escolhidos e ao «espírito» de muitos desses *micro-lugares* do grande *lugar* que é o Convento/Faculdade.

Em todos eles e apesar da «diferença» de cada um, em que se entrelaçam, de modos distintos, micro-histórias, que por seu turno combinam e entrelaçam imagens, objetos, texturas e símbolos de proveniência variada, numa constelação «explodida» de lembranças, evocações, citações e referências, José Quaresma convoca, com particular veemência, ao ponto de se tornar um *leit-motiv* obsessivo, uma poderosa reflexão sobre os sucessivos anúncios ou mesmo tentativas de consumação da «Morte da Pintura», desde as crises iconoclastas às propostas de «incineração» de Baldessari, passando por tocantes ou curiosas lembranças fugidias ou marcantes provenientes

do Romantismo, do Impressionismo ou do Modernismo, mas também de dolorosas tragédias do nosso tempo...

Uma reflexão última parece querer impor-se a partir de todo este esforço performativo e instalativo sob a égide da Pintura: finalmente, nenhum desses anúncios, profecias ou tentativas de consumação da *morte da Pintura* alguma vez conheceu ou conhecerá a plena ou definitiva concretização, o que faz com que a Pintura não precise de ser uma «Fénix Renascida» das cinzas de uma qualquer incineração (a não ser aquela que, metaforicamente, possa ser vista nos maus exemplos da sua prática, que, por vezes, pontuaram ou pontuam a sua História), mas tão somente, como lapidarmente sugeriu Francisco de Holanda, *não tenha fim, senão começo...*

Fernando António Baptista Pereira
Maio de 2021